

Ecologia, Nova Era e Peregrinação: uma etnografia da experiência de caminhadas na Associação dos Amigos do Caminho de Santiago de Compostela do Rio Grande do Sul.

Rodrigo Toniol*

Carlos Alberto Steil**

Resumo: Este trabalho é uma etnografia sobre a experiência de caminhadas na Associação dos Amigos do Caminho de Santiago do Rio Grande do Sul (ACASARGS). Procuramos, aqui, compreender como na prática dos caminhantes podem estar sobrepostos sentidos relacionados aos hábitos ecológicos e religiosos. Para tanto, privilegia-se na narrativa etnográfica as motivações, interesses e experiências dos caminhantes, buscando apreender os múltiplos sentidos atribuídos ao caminhar, que abriga significados distintos e mesmo contraditórios. A construção teórico-metodológica desta análise sedimenta-se na proposta do paradigma da corporeidade de Thomas Csordas que pretende, sobretudo, traduzir a fenomenologia para o campo antropológico e assim colapsar dicotomias como mente/corpo, natureza/cultura e sujeito/objeto

Palavras-Chave: Ecologia, Nova Era, Peregrinação, Corporeidade

Abstract: This research is an ethnography about the experience of walking with the Associação dos Amigos do Caminho de Santiago do Rio Grande do Sul (ACASARGS). We seek here to understand how the practice of walkers can have overlapping meanings as concerns ecological and religious habits. For that end, the paper focuses on the ethnographic narrative of the motivations, interests and experiences of the walkers, seeking to understand the multiple meanings assigned to walking, which can be different and even contradictory. The theoretical and methodological basis for the analysis comes from Thomas Csordas' paradigm of embodiment, which seeks, above all, to bring phenomenology to the field of Anthropology and in so doing, to dissolve dichotomies such as mind / body, nature / culture and subject / object

Keywords: Ecology, New Age, Pilgrimage, Embodiment

Assumindo como foco de interesse empírico a Associação dos Amigos do Caminho de Santiago de Compostela do Rio Grande do Sul (ACASARGS), uma organização sem fins lucrativos que divulga e promove caminhadas entre sujeitos que estão se preparando para a peregrinação em Santiago¹, este artigo pretende discutir a

* Mestrando em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Email: rodrigo.toniol@gmail.com

* * Pós-Doutor em Antropologia Social. Professor do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Email: casteil@uol.com.br

¹ O Caminho de Santiago é uma rota de peregrinação que surgiu na Idade Média e que conduz às relíquias de São Tiago.

possibilidade de se estabelecer uma interface entre ecologia e religião a partir de um contexto de espiritualidade Nova Era.

A partir da observação participante e de entrevistas realizadas com os sujeitos envolvidos nas caminhadas e noutras atividades da ACASARGS, procuramos compreender como, na experiência dos caminhantes, podem estar sobrepostos sentidos relacionados a hábitos ecológicos e religiosos. O que está em jogo é apresentar, a partir da experiência etnográfica, possíveis atravessamentos que, a priori, parecem desconexos, mas que compõem uma complexa trama de interesses, motivações e, sobretudo, experiências ao caminhar.

O presente artigo pode ser dividido em dois momentos. No primeiro deles apresenta-se alguns aspectos gerais sobre a formação da ACASARGS e de quem participa de suas atividades, bem como procura-se situar o Caminho de Santiago em um contexto atravessado por elementos característicos de certo ideário Nova Era. Em um segundo momento, lançamos mão do paradigma da corporeidade de Thomas Csordas (2008) para apontar o modo pelo qual esses atravessamentos modificam as experiências dos peregrinos.

1. O CAMINHO DE SANTIAGO NUM CONTEXTO DE NOVA ERA: CONTINUIDADES E RUPTURAS NUMA PEREGRINAÇÃO CRISTÃ

A raiz etimológica do termo “peregrinação” deriva do vocábulo latino *peregrinus* que significa “o estrangeiro, aquele que vive alhures e que não pertence à sociedade autóctone estabelecida, ou seja, é aquele que percorreu um espaço e, neste espaço, encontra o outro” (Dupront, 1987). Tal acepção aponta, portanto, para o encontro com “o outro” como indicativo de um duplo aspecto. Por um lado, esse encontro remete às dificuldades objetivas da jornada empreendida pelo peregrino que, ao percorrer lugares desconhecidos e enfrentar as adversidades do caminho, termina por imprimir nessa viagem características de uma jornada heróica. E, por outro, refere-se ao ato de transformação de si alcançado por meio de um deslocamento do “eu” em busca do “outro”, constituindo um percurso interior, de cunho místico e ascético, a ser realizado por àquele que peregrina.

Nancy Frey, ao investigar “histórias de peregrinos” (1998) do Caminho de Santiago, mostra como a peregrinação se inicia num período anterior à ida efetiva do peregrino à Santiago. O movimento físico no Caminho é antecipado por uma espécie de

movimento interno que convoca o peregrino a refletir sobre si, colocar em xeque seus “apegos” obrigando-o a decidir, por exemplo, o que levará na mochila durante os trinta e dois dias de caminhada. Esta convocação ao “desapego” se apresenta aos sujeitos como um exercício não habitual, contrastivo com sua vida cotidiana. O estabelecimento desta relação da prática de peregrinação com o não-cotidiano leva Nelson Graburn, em seu texto seminal “Turism: the sacred journey”(1989), a sugerir um paralelo entre o fenômeno religioso e o turismo.

Embora o “desapego” e a “viagem ao interior de si” sejam características marcantes das peregrinações cristãs, algumas propriedades distintivas do Caminho de Santiago transformam-no em um *locus* privilegiado para se observar a incorporação, pelo catolicismo, de novas estruturas de sentido. O catolicismo, nesse caso, expande-se para além dos marcos dogmáticos e institucionais da Igreja Católica podendo, ao mesmo tempo, ter assegurada a sua continuidade a partir, justamente, da descontinuidade em relação à tradição e ortodoxia católicas. Semelhanças e dessemelhanças, permanências e modificações no âmbito do catolicismo não necessariamente operam como práticas excludentes ou contraditórias, mas coexistem, contraditoriamente, em suas temporalidades diversas.

Nesse panorama, o Caminho de Santiago assume um papel ambivalente. A permanência de certas qualidades características das peregrinações cristãs – uma jornada penitencial que encontra seu ápice no encontro com uma divindade externa, a qual habita o santuário – contrasta com uma busca mística de si, como uma jornada de santificação que encontra seu ponto de chegada no reconhecimento de uma divindade que se manifesta no interior de cada peregrino.

A experiência do Caminho de Santiago a partir dessa configuração passa a estar marcada, sobretudo, pela autonomização da experiência religiosa do peregrino frente a normalizações institucionais. Essa configuração que atravessa as experiências dos peregrinos no Caminho de Santiago parece estar associada a transformações mais amplas do cenário religioso contemporâneo, as quais vêm sendo debatidas por diversos autores. Collin Campbell (1997), por exemplo, sugere este processo de reordenação das relações humano-sagrado como fruto do “espírito de um tempo” em que o paradigma cultural e a teodicéia que tem sustentado as práticas e concepções ocidentais está sendo substituído por um paradigma que tradicionalmente caracterizou o Oriente, trata-se do que sugere ser a “orientalização do Ocidente”. O que é central nesta transformação é o deslocamento da noção ocidental de religião -

tradicionalmente concebida como transcendente - para uma imanência, característica de concepções Orientais.

Conforme essa perspectiva há um deslocamento no espaço ocupado por Deus que deixa de estar num plano fora do mundo e passa, aos poucos, a dar lugar a um Deus "no mundo" podendo ser acessado a partir de experiências particulares de caráter místico e energético. Corolário destas transformações é que não apenas as experiências religiosas passam a ocorrer no plano da intimidade do sujeito, como também a certificação da verdade deixa de estar submetida a normalizações institucionalizadas, podendo ser atestada pelo próprio indivíduo – tratam-se das chamadas religiões do *self* (Steil, 1999; 2004; 2006). Nesses contextos, as experiências dos sujeitos são os próprios princípios geradores de autenticidade da relação que se estabelece com o sagrado.

A consagração do Caminho de Santiago² como ícone dessas novas formas de relação com o sagrado, foi acompanhada pela produção de best-sellers, documentários, somados a um oportunismo do mercado turístico que ajudou a transformar a Rota Jacobea³ num local emblemático entre àqueles que compartilham valores como culto ao corpo e valorização de experiências individuais.

2. A POPULARIZAÇÃO DO “NOVO” CAMINHO DE SANTIAGO E AS ASSOCIAÇÕES DO CAMINHO

Alguns números fornecidos pela Xunta da Galícia⁴ demonstram a popularização da peregrinação à Santiago nas últimas décadas. No ano de 1986, por exemplo, o Caminho recebeu 1461 peregrinos, saltando dez anos mais tarde (1996) para

² Sandra de Sá Carneiro propõe uma divisão em seis fases histórica do Caminho de Santiago. “A primeira fase vai do descobrimento do sepulcro até meados do século X, em que se iniciam as peregrinações a partir dos países estrangeiros; A segunda fase vai desde esse momento até o século XI, quando se entra na segunda fase de formação ou expansão do fenômeno; A terceira fase abrange os séculos XII, XIII e XIV, que constituem o esplendor das peregrinações jacobeanas; A quarta fase está situada entre meados do século XIV até princípios do século XVI, esta é a fase mais crítica do fenômeno; A quinta fase vai desde o século XVI até praticamente o século XX; A sexta fase situa-se no século XX, quando começa o processo de revitalização sob novos padrões simbólicos, religiosos, sociais e culturais” (Carneiro, 2007, p. 66)

³ Rota Jacobea é o nome como era conhecido o Caminho de Santiago durante a Idade Média. Assim ficou conhecida a rota de peregrinação após o papa Calixto II, no século XIII, considerá-la uma forma de obtenção de indulgência plenária. Os termos Rota Jacobea e Caminho de Santiago são usados, atualmente, como sinônimos

⁴ A *Xunta de Galícia* é um colegiado do governo da Galícia responsável por promover as atividades relacionadas ao Caminho de Santiago que são de interesse da província espanhola.

23.218 e atingindo, em 2004, a marca de 179.944 peregrinos (Carneiro, 2007). Somente em agosto de 2009, segundo números fornecidos pela oficina do peregrinaciones⁵, 35.071 peregrinos fizeram o Caminho de Santiago. Uma das causas dessa mudança foi o investimento do Ministério do Turismo do governo espanhol na criação, em todo mundo, das chamadas Associações dos Amigos do Caminho de Santiago (AACS).

No Brasil, essa organização sem fins lucrativos possui uma sede nacional no Rio de Janeiro – a Associação Brasileira dos Amigos Caminho de Santiago (AACSB) – e dezenas de filiais em todas as regiões do país. A AACSB estabelece diretrizes para as atividades de suas regionais que devem se concentrar, sobretudo, na promoção do “encontro de pessoas e grupos interessados no percurso, na preservação e na divulgação do Caminho de Santiago de Compostela”⁶.

De modo geral, as atividades das associações consistem na realização de caminhadas que procuram reproduzir, na paisagem, as dificuldades e as distâncias que o peregrino enfrentará diariamente enquanto estiver percorrendo os quase 800 quilômetros do Caminho⁷. Além de preparar aqueles que estão indo para Santiago, as AACS reúnem também, por meio de encontros mensais e caminhadas periódicas de um dia, aqueles que já “fizeram” o Caminho⁸.

Na cidade de Porto Alegre, a Associação dos Amigos do Caminho de Santiago do Rio Grande do Sul (ACASARGS) tem sua sede na Igreja Nossa Senhora da Piedade, onde se realizam reuniões mensais voltadas tanto àqueles que irão à Santiago e que poderão, nesses encontros, receber dicas, como também àqueles que querem relatar ao grupo suas experiências no Caminho⁹. A ACASARGS também atua como uma espécie de agência autorizada do Caminho de Santiago, distribuindo a “Credencial do

⁵ Oficina de peregrinaciones é uma organização que tem como objetivos, segundo o site www.peregrinando.org, “conservar, proteger e fomentar o Caminho de Santiago e coordenar o voluntariado, ampliando-o ao Brasil, Itália e outros países, criando assim uma rede de Voluntários para a execução de todos os fins e objetivos de seus estatutos”.

⁶ Fonte: <http://www.santiago.org.br/> (consultado em 15/08/2009).

⁷ Existem, ao menos, nove caminhos que levam à Igreja de Santiago de Compostela, sendo o mais popular entre os brasileiros o caminho francês.

⁸ As despesas de manutenção das AACS são cobertas pelos associados que contribuem anualmente com determinado valor, o que lhes dá direito a dois benefícios: o primeiro são descontos nas atividades realizadas pela Associação durante o ano, como, por exemplo, as caminhadas periódicas; o segundo, é a possibilidade de votar e disputar cargos administrativos na Associação. Com uma frequência bianual, as AACS elegem, entre os sócios, um conselho diretor que coordenará todas as atividades do grupo por aquele período.

⁹ Estas dicas vão desde longas discussões a respeito de que calçado usar, ou quantas calças levar até albergues que se deve ficar.

Peregrino”, documento que será carimbado ao longo do trajeto em Santiago e comprovará a distância e os lugares percorridos. Além de ser um objeto de recordação e estima, a credencial também permite que o peregrino receba, na Igreja de Santiago, a Compostelana¹⁰.

Com a agenda de uma caminhada por mês, que custa entre R\$ 50 a R\$ 70,00, as atividades da ACASARGS reúnem por volta de quarenta participantes que se interam do cronograma dos eventos por meio de correio eletrônico, de um website¹¹ e das reuniões mensais. Para cada uma das caminhadas, constitui-se um grupo predominantemente composto por peregrinos que já fizeram o Caminho. A maior parte dessas atividades tem duração de um dia e ocorrem em cidades do entorno de Porto Alegre (RS).

As caminhadas da ACASARGS podem ser descritas, genericamente, como extensas distâncias percorridas ao longo de um único dia por peregrinos num caminho sinalizado com setas amarelas, como as existentes no Caminho de Santiago. Com estas marcações, a presença de guias, que orientem a direção correta a ser tomada, pode ser dispensada, permitindo, assim, que se caminhe sozinho – como a maior parte dos peregrinos faz em Santiago. Durante essas caminhadas, diversos são os aspectos que remetem os peregrinos ao Caminho de Santiago: conversas, objetos, como cajados que os sujeitos usaram na peregrinação, amuletos, conchas de vieira presas à mochila¹², a paisagem, etc.

No estatuto de fundação da Associação gaúcha, o grupo define-se da seguinte maneira:

A ACASARGS, tem por objetivo e finalidade, a reunião de pessoas físicas, jurídicas e filantrópicas, que realizaram ou que manifestem interesse em conhecer, pesquisar ou fazer a peregrinação a Santiago de Compostela, na Espanha, promovendo a troca de informações e o intercâmbio cultural, sociológico e experimental, bem ainda, todo e qualquer subsídio ou material informativo que busque recriar culturalmente o Caminho de Santiago de

¹⁰ A compostelana é um documento fornecido pela Igreja que certifica a realização da peregrinação. Para recebê-la o peregrino precisa: apresentar um documento chamado credencial do peregrino que comprova os locais em que se passou durante a peregrinação, dizer que uma das razões para a realização da peregrinação foi religiosa e provar que percorreu os últimos 100 Km, para os que estão a pé, e 200 Km, para os que estão de bicicleta ou a cavalo, sem auxílio de transportes motorizados

¹¹ <http://www.santiagoperegrino.com.br>

¹² Trata-se de um símbolo do Caminho de Santiago muito difundido entre os peregrinos. Sua origem é pagã e, durante a Idade média, era usada entre os cristãos como forma de identificação.

Compostela, sob o ponto de vista histórico, religioso, artístico, arquitetônico e humanístico¹³.

A ACASARGS constitui-se, assim, como uma espécie de representante oficial de tudo o que estiver relacionado à Compostela no Estado, atribuindo a si mesma as prerrogativas desse domínio e reforçando, em diversos âmbitos, sua posição. Em documento publicado pela Federação Espanhola das Associações dos Amigos do Caminho de Santiago, propõe-se que as Associações nacionais e locais se concebam como “consulados” do Caminho, devendo “sempre se manter atentas a grupos que pretendam desvirtuar os verdadeiros valores de Santiago”¹⁴.

3. QUEM SÃO OS PEREGRINOS DE SANTIAGO NA ACASARGS

Durante o período da pesquisa participamos de dez caminhadas, diversas reuniões dedicadas a preparar peregrinos iniciantes, confraternizações para receber caminhantes regressos de longas viagens e festas de despedidas. A partir das experiências nestas ocasiões, pudemos perceber que, embora diversas, as motivações que levam os peregrinos a iniciarem a prática de caminhadas estão relacionadas com alguma ruptura, transformação na vida destes sujeitos. A caminhada aparece, nesses casos, como uma espécie de demarcador destas mudanças.

Juliana, uma professora de inglês aposentada, já fez o Caminho de Santiago duas vezes, além de ter sido hospiteira¹⁵ em um albergue em Nájera, na Espanha. Ela também participou de um curso internacional sobre o Caminho na Universidade de Santiago de Compostela, é membro do conselho fiscal da ACASARGS e participante de um grupo de caminhadas ecológicas. Em entrevista a nós concedida, conta que começou a caminhar após uma depressão.

Eu tive uma vez um problema de depressão e acho que, com isso, eu comecei a me antenar com essa coisa de caminhada, mais contato com a natureza e viver uma vida mais saudável.

Se, ao que parece, o início da caminhada dá-se, para alguns, a partir de momentos de transformação de determinados estados, a confirmação dessa mudança,

¹³ Fonte: <http://www.santiagoperegrino.com.br/> (consultado em 15/08/2009)

¹⁴ Fonte: <http://www.santiago.org.br/> (consultado em 15/08/2009)

¹⁵ Hospiteiros são voluntários que trabalham nos albergues espalhados ao longo do Caminho de Santiago recepcionando e acomodando os peregrinos que chegam.

conforme narram os próprios caminhantes, ocorre por meio da manutenção da prática da caminhada. “Caminho porque gosto, agora faz parte de mim e me lembra quem sou”, diz Vinícius. É assim que a prática da caminhada torna-se uma constante na vida dos peregrinos passando da condição de atividade marginal para um aspecto determinante na sua própria identificação. Esse deslocamento que dá certa centralidade a peregrinação na vida desses sujeitos encontra, em alguma medida, na ACASARGS seu ponto de ancoragem e produção de convicção.

A transformação da prática da caminhada em um hábito corriqueiro, no entanto, leva parte dos peregrinos a participarem de outros grupos de caminhantes constituindo uma espécie de circuito. Seguir os caminhantes nas suas narrativas acerca dos grupos com os quais interagiram para chegar na ACASARGS, parece oferecer-nos algumas pistas sobre alguns dos contornos desse circuito.

Ana fez sua primeira caminhada com a ACASARGS a partir do convite de uma amiga, mas reconstrói essa trajetória apontando uma espécie de predisposição hereditária às aventuras.

Primeiro, o que eu posso dizer é que eu não tinha o hábito da caminhada. Nunca tive. Aliás, eu sempre tive um hábito, uma vida meio sedentária. Ginástica sempre fiz por obrigação. Por saúde eu tinha que fazer, pra fazer alguma coisa mas eu nunca tive essa coisa de ginástica em si. Gostava de esportes e tal, sempre gostei muito do mar, dessas atividades onde vai todo mundo. Sempre gostei de umas coisas meio diferentes e acho que isso é de família, tenho dois irmãos velejadores, um é montanhista então todo mundo é meio ligado à natureza.

Ao sugerir essa herança familiar como possibilidade explicativa de sua identificação com a prática de caminhadas na natureza, a fala de Ana adquire similitudes às narrativas de uma conversão religiosa em que uma predisposição já manifesta nos irmãos iria, um dia, manifestar-se nela também.

Já Juliana começou a participar de um grupo de caminhadas ecológicas por meio da indicação de uma sobrinha. Depois de fazer algumas caminhadas começou a frequentar a Biodança – grupo com o qual fez o Caminho de Santiago pela primeira vez. Após seu retorno de Santiago entrou em contato com a ACASARGS.

Primeiro eu estava no Anamstê, mas depois fui fazer Biodança com uma facilitadora [trata-se da condutora das atividades deste grupo] muito legal, mas aí ela foi fazer uns cursos na Índia e acabou

ficando por lá, se estabeleceu na Espanha e agora está em Ibiza. Continuei na Biodança e os facilitadores novos fizeram um projeto de aliar exercícios da Biodança com o Caminho de Santiago. Foi aí que fui pela primeira vez. Mas eu já caminhava com os Eco [refere-se a uma empresa de caminhadas ecológicas] antes disso.

Parece evidente, ao se avaliar os grupos pelos quais passaram os caminhantes até chegar a ACASARGS, a existência de um trânsito livre, sem muitos constrangimentos morais, que permite a esses sujeitos começarem, pararem ou permanecerem participando das atividades de diversos grupos. Exemplo disso é a participação simultânea de Juliana no grupo de caminhadas ecológicas, nas atividades do grupo de Biodança e nas da ACASARGS. Mas, afinal, o que permite essa mobilidade entre grupos? Quais são os contornos desse circuito? O que há de “solo comum” entre essas práticas?

Ao investigar como se dá a conformação de um circuito neo-esotérico que agrega práticas distintas de xamanismo urbano na cidade de São Paulo, Magnani (1999) afirma que um dos elementos que possibilita esse fenômeno é:

(...) a intensa movimentação entre xamãs nacionais e internacionais, seus auxiliares, contatos, clientes, donos de espaços neo-esô e de sítios que sediam as vivências. Assim é formada a malha ao longo da qual floresce esta particular modalidade de xamanismo, inventada a partir de elementos descritos em algumas obras consideradas clássicas, de ritos e crenças atribuídos a povos que ainda mantêm suas tradições e do multifacetado acervo mantido e continuamente realimentado pelo circuito neo-esô. (1999b, p. 133).

Para Magnani (1999b; 1999), outro elemento que dá forma a esse circuito de práticas distintas de xamanismo urbano é a construção de certa continuidade no discurso dos grupos, instituições e “facilitadores” que privilegiam noções como a de comunidade, de indivíduo e de totalidade. A articulação desses três pólos, ainda que com variações, parece fornecer uma forma matriz que demarca alguns limites desse conjunto de práticas.

De certo modo, a articulação desses elementos – comunidade, indivíduo e totalidade – atravessam algumas das práticas em questão, no entanto, não como discurso norteador, mas como questões em voga que compõem um panorama mais amplo de transformações em alguns aspectos da espiritualidade dos sujeitos.

Ao que parece, esse circuito percorrido pelos caminhantes é composto por grupos que desenvolvem atividades corporais. Na Biodança¹⁶ e no Anamastê¹⁷, conforme explicara Juliana, pretende-se, por meio de exercícios físicos, alcançar determinados estados psíquicos, ativar sensações e experiências subjetivas a partir da exaustão. Já na ACASARGS a atividade principal é a caminhada em estradas rurais parecidas com os percursos experimentados em Santiago. O que sugerimos é que o corpo constitui-se como figura central nessas práticas. Trata-se, no entanto, mesmo nos casos citados de contato com o Caminho de Santiago, não de um corpo penitente, que deve se flagelar para que somente assim alcance uma redenção. O que está em jogo é um modelo de corpo e pessoa que buscam muito mais o aperfeiçoamento de si do que a indulgência.

Esse aperfeiçoamento refere-se à busca pelo acúmulo de uma saúde física que é também via de acesso às questões relativas à alma, sugerindo que haja nessas práticas – ainda que esse possa não ser um objetivo declarado de todos os grupos em questão – um viés terapêutico.

Os diferentes circuitos nos quais os caminhantes estão inseridos trazem à tona a paisagem como elemento importante da prática de caminhadas na ACASARGS.

A centralidade atribuída à paisagem, ao buscarmos elementos para compreender a prática da caminhada, assenta-se nas idéias de autores como Tim Ingold (2000). Sua perspectiva afasta-se de concepções que tomam esses espaços como objetos, panos de fundo, palcos ou mesmo como um cenário inerte no qual que se inscrevem as relações sociais. Para Ingold, a paisagem é a própria condição de ser no mundo, onde cultura, natureza e sujeito estão entrelaçados. O que está em jogo, é conceber a paisagem não enquanto elemento externo às relações, mas como constitutiva e constituída pelas relações daqueles que a habitam.

¹⁶ O primeiro centro de formação em Biodança no Brasil a define do seguinte modo: “Biodança, a dança da vida, é um sistema de autoconhecimento, de integração, renovação orgânica e crescimento pessoal. Através do afeto – por si mesmo, pelas pessoas, pela vida – os exercícios da Biodança, mediados pela música e pelo movimento, possibilitam o reforço da identidade: ser aquilo que se é, fazer o que se sonha, ter coragem para desenvolver os próprios potenciais.” (<http://www.biodanzabrasil.com.br/> – consultado em 28/06/2009)

¹⁷ Anamastê é uma prática de terapia alternativa que passou a se difundir com mais vigor a partir dos anos 2000. “A proposta é a de alcançar, por meio de exercícios físicos, a saúde plena do espírito”. (fonte: www.anamastê.com.br – consultado em 28/06/2009)

Assim, é na medida em que estabelecemos relações, constituímos histórias, e percorremos a paisagem, que ela toma forma. Nesse sentido, apreender a experiência da caminhada para os caminhantes é um esforço que envolve, também, a maneira pela qual esses sujeitos se relacionam com a paisagem em que caminham, compreender a maneira pela qual ela torna-se constitutiva das dinâmicas sociais e temporais daqueles que a habitam, bem como constituída pelas relações nela engajadas, transformando, em alguma medida, as práticas nela produzidas.

Enquanto caminhavam, em Teutônia (RS), numa interminável subida, os peregrinos que já haviam ido à Santiago lembravam das dificuldades de atravessar, já no primeiro dia do Caminho, os Pirineus. Essas memórias são despertadas a cada reta, a cada novo detalhe que surge no ambiente em que se caminha. No meio de uma conversa que não era sequer sobre Santiago, uma peregrina nos diz: “Essa estrada está muito parecida com uma região da Galícia na primavera”. Outra peregrina nos fala sobre como as caminhadas que faz com a ACASARGS se relacionam com suas experiências no Caminho: “Isso daqui me lembra muito de quando fiz o Caminho. É uma pena, mas acho que não vou voltar para lá tão cedo e para quem ficou, o Caminho tem que ser feito aqui mesmo”.

Ao que parece, a paisagem das caminhadas promovidas pela ACASARGS estabelecem uma significativa relação com a memória do peregrino, assumindo um sentido particular com a história do próprio indivíduo, presentificando seu passado em Santiago por meio do ambiente em que caminha no Brasil. Assim, caminhar por uma estrada como a que se caminhou em Santiago e com pessoas que também já “fizeram o Caminho”, parece imprimir, naquele contexto, uma série de sentidos que seriam acessíveis somente para àqueles que estão em Santiago.

4. TURISMO, ESPIRITUALIDADE E MERCADO ENTRE OS PEREGRINOS

Há uma espécie de perfil dominante no tipo de passeios promovidos pela ACASARGS. A maior parte dos passeios ocorrem em paisagens que reproduzem, em alguma medida, aquela experienciada em Santiago. Isto é, embora ocorram em diversos locais, as caminhadas da Associação têm duas características relativamente permanentes. A primeira delas é que todas são caminhadas em estradas rurais com poucos ou nenhum momento em que os peregrinos tenham que atravessar trilhas em mata fechada, por exemplo. Outra característica é que a maior parte dos trajetos

percorridos estão entre 20 e 25 quilômetros de caminhada que é, propriamente, a média diária de quilômetros percorridos pelos peregrinos durante o Caminho espanhol. Como afirma Marcos, um membro da diretoria da ACASARGS, trata-se, de um esforço em “reproduzir” alguns aspectos daquele trajeto.

A Associação é para isso. A gente se esforça para que o peregrino relembre o que viveu em Santiago aqui conosco. Não é sempre que dá para ir pra Santiago e pra manter viva essa chama, a gente caminha aqui como se fosse lá. Claro que não é a mesma coisa, mas ajuda a manter viva a chama. E isso também é muito importante pra quem está se preparando pra ir pela primeira vez. Assim, a pessoa já se acostuma. A gente, da diretoria, podia caminhar em muitos lugares, sabe? Mas a gente se esforça para proporcionar essa sensação pro peregrino

Ao contrário de grupos de ecoturismo em que há um número limitado de vagas e em que o atendimento personalizado é um indicativo de bom serviço, nas atividades da ACASARGS, o sucesso dos passeios organizados pelo grupo é medido pela quantidade de inscritos, tendo como limite mínimo de participantes quarenta pessoas. Essas atividades são divulgadas por meio de uma página na internet e por e-mails, enviados previamente às datas das atividades – sejam elas caminhadas, reuniões ou missas de partida e acolhida de peregrinos.

As caminhadas do grupo ocorrem sempre em um único dia, normalmente domingo. Com um baixo custo, esses passeios conduzem peregrinos em ônibus cedidos, na maior parte das vezes, pelas prefeituras dos locais onde a caminhada será realizada. Pedro, um dos fundadores da ACASARGS e atual membro da diretoria, aponta sobre os objetivos mais gerais do grupo.

Nosso objetivo não é ganhar dinheiro, mas sim levar os peregrinos para caminhar. A gente tenta fazer parceria com as prefeituras, com as paróquias para elas darem para gente algum apoio, com um ônibus ou um café da manhã, por exemplo. Mas tudo isso é para baixar o preço, para que todo mundo possa caminhar. A gente não faz caminhada de dois dias porque o pessoal tem que trabalhar no sábado e porque, aí, já ia começar a ficar caro.

Com uma média de setenta inscritos em cada caminhada, o grupo tem como ponto de encontro o centro de Porto Alegre de onde saem, normalmente, em dois ônibus seguidos por alguns carros de membros da diretoria. Tanto o trajeto de ida como o da

volta são utilizados pelos coordenadores da ACASARGS para dar avisos e fazer propagandas de eventos que estejam relacionados com o Caminho de Santiago.

Podemos pensar, entre outras coisas, que tais eventos apontam para um horizonte mais amplo de transformação do próprio catolicismo. A popularização do Caminho de Santiago de Compostela, conforme esboçamos anteriormente, esteve intimamente relacionada com um projeto de Estado do governo espanhol e com um esforço por parte de organizações civis dirigidas por peregrinos leigos. O que parece ficar patente, no caso de Santiago, é a perda do domínio sobre a peregrinação por parte da Igreja, a partir do momento em que essa passou a ser promovidas por Associações leigas espalhadas pelo mundo. O envolvimento de outros agentes como ONGs, Associações, secretarias de turismo e prefeituras escancaram a formação de um contexto complexo em que turismo, espiritualidade e mercado aparecem como elementos intrincados (Steil, Carneiro, 2008).

5. “QUEM DE VOCÊS É PEREGRINO?”

O Caminho de Santiago é o assunto predominante durante as caminhadas promovidas pela ACASARGS. Embora seja abordado sob diversos aspectos, a referência à Santiago é constante. Ela é, em geral, acionada por elementos que remetem a lembranças vividas durante a peregrinação à Santiago de Compostela. Em variadas ocasiões, ouvimos referências, por exemplo, a uma árvore parecida com a que se viu durante a peregrinação, a uma bolha que surge no pé e no mesmo lugar de quando se fez o Caminho, ou mesmo à comida que, em Teutônia/RS, afirmava Paula, “é muito diferente de todas que tinha provado em Santiago”. A centralidade que o Caminho assume para a maior parte dos peregrinos que participam das atividades da ACASARGS evidencia-se rapidamente assim que se atenta para as formas como os sujeitos são apresentados e se apresentam naquele contexto.

Durante o trajeto de ida a uma caminhada em Viamão/RS, Silvana, a presidente da ACASARGS pediu, ainda no ônibus, para que as pessoas dos bancos da frente se apresentassem ao grupo com o microfone:

Olá, meu nome é Juliana, já fiz o Caminho duas vezes, fui hospiteira uma vez e me formei na primeira turma do curso de língua espanhola e cultura do Caminho de Santiago

Eu sou Pedro, já fui três vezes ao caminho de Santiago e, neste ano, vou pela quarta vez

Eu sou Jorge e estou indo pra Santiago no mês que vem pela primeira vez .

Após as três primeiras apresentações, Silvana voltou-se para outros dois bancos, num dos quais eu estava sentado, e perguntou: “Quem de vocês é peregrino?”. Um pouco confusa com a pergunta, Mônica, uma advogada que participava pela primeira vez de uma caminhada da ACASARGS, devolveu: “Como assim? O que é um peregrino?” Visivelmente encabulada com a situação Silvana respondeu: “Peregrino é quem já foi à Santiago”. A condição de peregrino, portanto, ao menos na definição dada pela presidente da Associação, cabe àqueles que já realizaram a peregrinação em Santiago de Compostela. Essa noção, no entanto, parece muito mais “escorregadia” quando atentamos para algumas falas de outros membros da diretoria e de participantes das caminhadas promovidas pela ACASARGS, ou, ainda para alguns documentos da Associação.

No registro de fundação da ACASARGS, o “público alvo” do grupo é assim definido¹⁸.

A ACASARGS acolhe a todos, peregrinos ou aspirantes a tal condição, sem discriminação de raça, credo, nacionalidade, ou condição social, porém, que aportem no coração um mesmo ideal: o da convivência pacífica, harmoniosa e de respeito ao próximo. Gente assim já é peregrina de alma – embora, muitas vezes, ainda não tenha se dado conta disso! [grifos originais]

Essa descrição aponta para uma noção de peregrino na qual o compartilhamento de determinados valores ligados à tradição cristã são ressaltados. Além do “respeito ao próximo” e da convivência harmoniosa, outros elementos, tais como “solidariedade”, “equilíbrio de energias”, “respeito à natureza” e “encontro com o verdadeiro eu” são constantemente acionados na definição do que seja um peregrino. A descrição do Caminho de Santiago elaborada por Juliana remete a um evento em que há um imperativo da solidariedade capaz de passar por cima de sinais distintivos. Esta solidariedade constitui-se como característica marcante dos peregrinos e está associada antes com um “equilíbrio de energias” do que com o estado de graça cristão.

¹⁸ Fonte: www.santiagoperegrino.com.br (consultado em 11/07/2009)

Eu tive dor ciática na primeira semana do caminho, mas tive pessoas que me ajudaram muito. O que é bonito no Caminho é isso, lá as pessoas são muito solidárias, todo mundo se ajuda desinteressadamente. Tu sabe àquela música Imagine do John Lenon? Para mim aquilo é o retrato do Caminho de Santiago. Imagina que não tem países, que não tem idiomas diferentes. Todo mundo se entende, todo mundo se comunica, todo mundo está com um objetivo comum que é ir pra Santiago. Isso é que é um peregrino, uma pessoa que participa de tudo isso, que está com as energias equilibradas, que consegue se encontrar com o verdadeiro eu (Juliana).

Celso, um dos participantes da ACASARGS que já foi a Santiago duas vezes, ressalta a identificação do peregrino a partir de características de comportamentos, como paz e tranquilidade. A construção desse tipo de comportamento decorre, segundo Celso, de uma experiência do Caminho em que o desapego leva à sensibilização ecológica.

Olha, o peregrino pra mim tem que ter duas coisas. Tem que ser um cara da paz, tranquilo e não pode ser um cara apegado as coisas materiais. Porque um peregrino de verdade não precisa de nada pra viver, só de sentimentos bons. E eu sempre falo, quanto mais a gente se desapega, mais repara na perfeição da natureza. Quem é peregrino mesmo e é desapegado, valoriza o natural, porque é aí que estão as coisas mais importantes, aí que está o que chamamos de Deus. Foi em Santiago que me dei conta disso, eu estava no meio de uma área linda e tinha só uma mochila e um tênis e não precisava de mais nada.

Um dos aspectos que constitui o horizonte de hipóteses deste trabalho é sugestão de que o Caminho de Santiago de Compostela conformou-se como lócus privilegiado para se observar de que maneira uma prática forjada no seio do catolicismo pode ser atravessada por uma série de elementos advindos de múltiplas direções. Isto é, trata-se de concebê-lo como um campo não apenas interseccionado como também capaz de absorver diversas práticas e experiências com pontos convergentes e divergentes do catolicismo. O conjunto polissêmico de definições do que seja um peregrino por parte dos integrantes da ACASARGS apontam para aquilo que, alguns autores das ciências sociais da religião, têm chamado de Nova Era (Amaral, 1999, 2000; Carozzi, 1999; Contempomi, 1999; Tavares, 2003).

A valorização do encontro com um “eu-verdadeiro”, o relevo dado à circulação de energias nos corpos e, sobretudo, a sensibilização a determinados

elementos da natureza apontam para uma espécie de imbricamentos sincréticos, marcados pela apropriação de elementos característicos da modernidade religiosa numa prática identificada, a priori, com o catolicismo – como a peregrinação.

Marcos, um peregrino que entrou em contato com a ACASARGS somente após voltar de Santiago, associa à espiritualidade a aquisição de certa sensibilidade com relação a natureza.

Depois que a gente volta de Santiago começamos a valorizar tudo o que nem dávamos bola, uma florzinha, uma planta que antes eu nem reparava agora presto atenção, sabe? Pra mim, aí está o maior ganho da peregrinação. Por isso que é algo espiritualista, a gente fica mais sensível a essas coisas.

Ao que parece, a incorporação de sistemas de crenças religiosas afinadas com certo espírito Nova Era levou alguns peregrinos à sensibilização ecológica. A atenção à natureza, conforme apontaram Celso e Marcos, nos relatos acima, surgiu após a experiência da caminhada em Santiago, na qual pôde perceber que “aí que está o que chamamos de Deus”. O que sugerimos, portanto, é que a peregrinação à Santiago de Compostela está atravessada por elementos característicos do ideário Nova Era e Ecológico. Esses atravessamentos permitiram que houvesse, nesse contexto, a incorporação de preocupações relacionadas ao meio ambiente por parte dos peregrinos.

A associação do ideal do peregrino com a ecologia é refletida na forma explícita no trecho da fala de Juliana que destacamos da entrevista que ela nos concedeu

A pessoa volta de Santiago e vira toda “natureba”. Não essas coisas de virar vegetariano, mas é que quando você está lá, com a natureza, percebe que esse contato permite tantas coisas bonitas, tanta harmonia com você mesmo e aí você quer preservar. O pessoal não fala que Santiago transforma cada um de um jeito? Pra um monte de gente a transformação é essa. Vai pra Santiago e descobre como você pode se encontrar com o seu eu mais fácil naquela natureza linda, e aí a gente quer preservar (Juliana).

Desse modo, a incorporação de cuidados responsáveis com a natureza parece motivada, em alguma medida, pela tentativa, por parte dos peregrinos, de preservar esses espaços como potencializadores do contato com o sagrado. Essas práticas e identificações, no entanto, também podem ser articuladas a partir das experiências corpóreas dos peregrinos nas caminhadas.

6. AS EXPERIÊNCIAS DOS PEREGRINOS EM UM CONTEXTO NOVA ERA

Partindo da premissa teórico-metodológica de que a experiência corpórea é o fundamento existencial da cultura e do sujeito (Csordas, 2008), buscaremos colocar em foco a maneira pela qual alguns aspectos da prática das caminhadas são articuladas nos corpos dos peregrinos. Trata-se de tomar como ponto inicial de análise, uma fenomenologia cultural das experiências corporeificadas pelos peregrinos para, desse modo, poder refletir sobre seus pertencimentos, sensações e sobre os sentidos postos em jogo na caminhada.

Ao narrarem as sensações corpóreas experimentadas no caminho os peregrinos da ACASARGS elaboram descrições bastante próximas do ideário Nova Era, situando a natureza como a fonte por excelência de energias e lugar de manifestação do sagrado. Ao elaborar, numa entrevista a nós concedida, o modo pelo qual chegou até a ACASARGS, Fernanda narra a experiência num SPA holístico como primeiro passo no seu “caminho peregrino”, isto é, por meio de um espaço caracterizado por sua relação com o ideário Nova Era, que Fernanda chega a associação de peregrinos.

Eu fiz uma vivência num spa holístico, em Caxambu, chamado Chácara das Rosas e foi muito legal. Lá conheci algumas pessoas que me sugeriram fazer o Caminho de Santiago. No mesmo ano decidi ir e amei. Isso já faz cinco anos e agora sou presidenta da Associação. Lá eu aprendi a me conectar com o ambiente e tirar proveito disso. Exercitei muito isso em Santiago (Fernanda).

O relato de Mauro, um dos membros da diretoria da ACASARGS, sugere o deslocamento de um Deus pessoal e externo para um “Deus-energia”, acessível na experiência individual.

Eu não sou um cara religioso, não. Agora, o que existe são energias. A gente sente isso quando caminha e em Santiago isso é muito, mas muito forte. Isso é porque tem lugares que tem mais e outros que tem menos energias, em Santiago tem muita e nas caminhadas da Associação também. É que a coisa toda está na natureza .

Embora descrições como estas façam, comumente, referências a presença de energias na natureza, o “aproveitamento” destas está, para alguns peregrinos, condicionadas a incorporação de determinadas sensibilidades presentes, sobremaneira, no Caminho de Santiago.

Essas caminhadas da Associação fazem muito bem para mim. Aí eu decidi trazer um primo que estava passando por umas dificuldades para caminhar, mas ele não gostou de quase nada, só do almoço no final. É que tem que ser peregrino mesmo para poder aproveitar essas caminhadas. Tentei forçar e não deu certo (Marcos).

O que parece estar em jogo na fala de Marcos é o estabelecimento de uma relação entre ser um peregrino e poder “aproveitar” as benesses da caminhada. Essa “identidade peregrina”, contudo parece estar caracterizada por elementos difusos. Embora a ida à Santiago seja, sem dúvidas, o principal destes elementos há uma série de outros possíveis nesta identificação. Algumas observações realizadas durante a experiência das caminhadas da ACASARGS possibilitam pensarmos esta identificação por meio do compartilhamento de modos específicos de situar o corpo na prática da caminhada.

Durante uma atividade da ACASARGS, em Viamão, Celso e Silvana se encarregaram de me apresentar à Cíntia, dizendo que, apesar de nunca haver ido à Santiago, bastava olhar para o jeito que eu caminhava para constatar que se tratava de um quase peregrino¹⁹. Noutra caminhada, enquanto discutíamos sobre as próximas eleições da Associação, Pedro apontou para uma das candidatas à presidência, da chapa contrária a sua, dizendo “dá pra ver que não é peregrina de verdade só pela passada da pessoa. E ainda quer ser presidente”.

O que parece estar indicado nessas falas é o reconhecimento, por parte dos peregrinos, daqueles que detêm uma hexis corporal específica, um conjunto de respostas corporais características. A atividade da caminhada e, nesse caso, a caminhada entre peregrinos constitui-se, sobretudo, como um saber-agir apreendido de modo prático e coletivo. O reconhecimento de um peregrino enquanto tal é, antes de tudo, um reconhecimento daquilo que é indizível e que, por isso, não pode ser transmitido por meio de uma explicitação oral, mas que está expresso nos movimentos, nos corpos. O fato de dois peregrinos nos posicionarem, numa grade de classificação daqueles que caminham, como um “quase peregrino” é consequência de um lento aprendizado corporal que os trabalhos de campo com os peregrinos nos proporcionaram. Ao caminhar e deixar que as forças “nativas” também nos afetassem sem, contudo, buscar tornar-nos peregrinos, mas tratando dessas afecções do campo como dados para a textualização dessas experiências, terminamos por incorporar, segundo eles, “um tipo de

¹⁹ Trata-se, aqui, de uma experiência vivida em campo por Rodrigo.

passada”, uma forma específica de caminhar. Assim, se, conforme escutamos inúmeras vezes nas caminhadas da Associação, “peregrinar é rezar com os pés”, ser peregrino e ser reconhecido enquanto tal é, antes de tudo, saber conduzir os pés para que se possa rezar como um “peregrino de verdade”.

REFERÊNCIAS:

AMARAL, Leila. Carnaval da alma: comunidade, essência e sincretismo na nova era. Petrópolis: Vozes, 2000.

———. Sincretismo em movimento – O estilo Nova Era de lidar com o sagrado. In: CAROZZI, Maria Júlia. A Nova Era no Mercosul. Petrópolis: Vozes, 1999.

CAMPBELL, Collin. A orientalização do Ocidente: reflexões sobre uma nova teodicéia para um novo milênio. *Religião e Sociedade*, v. 18, n. 1, p.:5-22, 1997.

CONTEPOMI, Maria del Rosário. Nova Era e pós-modernidade: valores, crenças e práticas no contexto sociocultural contemporâneo. In: CAROZZI, Maria Júlia. A Nova Era no Mercosul. Petrópolis: Vozes, 1999.

CAROZZI, Maria Júlia. Nova Era: a autonomia como religião. In: CAROZZI, Maria Júlia. A Nova Era no Mercosul. Petrópolis: Vozes, 1999.

CSORDAS, Thomas J.. *Corpo/ significado/ cura*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2008.

CARNEIRO, Sandra de Sá. *A pé e com fé: brasileiros no Caminho de Santiago*. São Paulo: CNPq/Pronex: Attar, 2007.

Dupront, A. *Du Sacré*. Paris: Gallimard, 1987.

FREY, Nancy Louise. *Pilgrim Stories: on and off the road to Santiago*. California: University of California Press, 1998.

GRABURN, Nelson. *Tourism: the sacred journey*. In: SMITH, V. (Ed.). *Hosts and guests: the anthropology of tourism*. 2nd ed. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1989. p. 21-36.

MAGNANI, J.G.C. O circuito neo-esotérico na cidade de São Paulo. In: CAROZZI, Maria Júlia. A Nova Era no Mercosul. Petrópolis: Vozes, 1999

———. *Mystica Urbe*. São Paulo: Prêmio Nobel, 1999b

STEIL, Carlos Alberto; CARNEIRO, Sandra de Sá. Peregrinação, turismo e nova era: Caminhos de Santiago de Compostela no Brasil. *Religião e Sociedade*, 2008, v.28, n.1, pp. 108-124.

STEIL, Carlos Alberto. A igreja dos pobres: da secularização à mística. *Religião e Sociedade* 19 (2):61-76. 1999

———.Renovação Carismática Católica: porta de entrada ou de saída do catolicismo? Uma etnografia do Grupo São José, Porto Alegre (RS). *Religião & Sociedade*, v. 24, n. 1, p.11-36, 2004.

———.Os demônios geracionais. A herança dos antepassados na determinação das escolhas e das trajetórias pessoais. In: DUARTE, L. F. D. H.; BARROS, Maria Luiza; LINS, Myriam; PEIXOTO, Clarice. *Família e religião*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2006.

TAVARES, Fátima. Nova Era: Circuitos e especificidades locais e regionais. In: *Religião e Sociedade*, n.20, v. 1. 2003.